

C 4 MAR 1996

DATA

São Paulo - SP



Sepultura:
busca pela
originalidade,
apesar de sua
posição de
destaque no
cenário
internacional

Sepultura procura as raízes do Brasil

A banda de metal de vanguarda usa referências indígenas nas letras e no som do álbum 'Roots'

RICARDO ALEXANDRE

É gratificante ouvir um trabalho novo dos nossos conterrâneos pródigos e notar que a acomodação nem passou pela cabeça de Max (guitarra e voz) e Igor Cavalera (bateria), Paulo Jr. (baixo) e Andreas Kisser (guitarra solo). Ninguém no rock brasileiro foi tão longe quanto o Sepultura, mas mesmo assim a banda continua se reinventando, como se nota no recém-lançado álbum *Roots* (Roadrunner), um mergulho nos ritmos e costumes indígenas brasileiros. Os caras estão certos. No meio do tiroteio do rock moderno, essa brasilidade rude e apavorante é o grande diferencial que o Sepultura pode apresentar ao público mundial.

Em busca das raízes (roots, em inglês), o grupo produziu seu melhor disco até o momento. Nele, as guitarras se esquecem do virtuosismo estéril do metal tradicional e arrancam enfurecidos guinchos de microfonia e lascas de riffs milimétricos. Ao mesmo tempo, o vocal de Max está menos gutural e mais gritado, na tradição do hardcore. Também as letras mudaram. Saem as discussões sobre o sis-

tema e entram as preocupações com a cultura indígena, as convicções pessoais e até Deus (ele mesmo, Javé, o amigo de Moisés). Os caras, quem diria, amadureceram.

Roots Bloody Roots abre o disco apresentando o conceito que costura praticamente todas as faixas: atingir um nível pessoal tão elevado que se possa encontrar suas raízes. É, ao mesmo tempo, um convite ao universo de *Roots* e uma metáfora para a evolução da carreira da banda, das esquinas de Minas Gerais

até as trilhas hollywoodianas — e até o seletto grupo de bandas que arrasta, a coronhada certeiras, o heavy metal para fora do lugar-comum. A faixa seguinte, *Attitude*, é uma das melhores e mais surpreen-

dentes do disco. Com sua levada mastodônica pontuada pelo berimbau de Max, revela uma insuspeita habilidade harmônica para construir melodias bacanas — ainda que essa mesma harmonia seja emprestada dos cantos falados nordestinos, o que torna a faixa ainda melhor.

Já a tão esperada parceria do Sepultura com o arroz-de-festa Carlinhos Brown, *Ratamahatta*, lembra um cruzamento do Uakti com o Treponem Pal em 45 rotações, mas seu maior atrativo é a letra (em português, veja só), feita de improviso por Brown e Max, com várias palavras-chave do universo de *Roots*, como "biboca", "garagem", "favela",

"Zumbi" e "Zé do Caixão". Outro grande momento é a fantasmagórica *Lookaway*, cheia de participações especiais, como a do DJ Lethal, do House of Pain, Jonathan Davis, do Korn, e nosso chapa Mike Patton, do Faith No More. A faixa é uma aproximação com o universo do metal industrial, outra sacada esperta do Sepultura.

Born Stubborn, um perfeito cartão de visitas para a banda, cresce de um monocórdico riff de guitarra setentista para um massacre sônico à Dead Kennedys. Talvez seja a melhor faixa de *Roots*, ainda que sem o mesmo impacto conceitual das duas músicas seguintes.

Xavantes — *Jasco* é uma pequena peça instrumental de Andreas, levada num violão de cordas de náilon. Serve como preparação para o grande momento do disco, a faixa *Itsári*, gravada com 50 índios, em novembro, numa tribo xavante em Mato Grosso do Sul. É o ponto alto do álbum, em termos de emoção e importância musical. Toda a faixa é costurada pelo discreto violão de Andreas, que em momento algum quebra o clima hipnótico da música.

Assim, as três faixas seguintes (com destaque para *Endangered Species*) servem como uma coda em versão hardcore para essa ópera-thrash, uma viagem para dentro de nossas raízes e prova maior da constante busca do Sepultura pela originalidade, dentro de sua posição de grande banda de metal de vanguarda. Os outros grupos que se virem para correr atrás agora.

DISCO É
METÁFORA PARA
A EVOLUÇÃO
DO GRUPO